



ECONOMIA
ENTREVISTA

António Pires de Lima

Presidente da EPIS, associação de Empresários pela Inclusão Social

'A crise agita consciências'

Para o gestor, acabou a era do «emprego para a vida».

O futuro passa pela mobilidade geográfica e pelo desempenho de várias atividades

POR ALEXANDRA CORREIA

'Não há maior fator de exclusão do que um jovem deixar a escola aos 14 ou 15 anos.» Esta é a opinião de António Pires de Lima, 49 anos, que preside à EPIS (Empresários pela Inclusão Social). A VISÃO encontrou-o na Fundação Calouste Gulbenkian, em Lisboa, durante a II Conferência daquela associação, criada em 2006 por uma dezena de patrões e gestores, e que centra a sua atividade na área da educação, focando-se em jovens do 3.º ciclo que abandonaram a escola ou que têm um mau aproveitamento.

Pires de Lima, licenciado em Economia pela Universidade Católica Portuguesa e mestre em Administração de Empresas, já foi uma cara bem conhecida na política. É militante do CDS-PP, foi vice-presidente do partido e deputado. Mas a sua carreira profissional tem sido feita em empresas privadas. Atualmente, é o presidente executivo (CEO) da Unicer. Diz que as nossas empresas poderiam fazer mais pelo País e que a receita para Portugal deve estar mais no empreendedorismo e «menos numa fé injustificada num Estado como solução para todos os nossos problemas».

Mais de um terço dos empresários cristãos reconheceu, recentemente, que iria despedir funcionários até ao final do ano. Para os empresários pela inclusão, os despedimentos são igualmente uma inevitabilidade?

Também acontece. As empresas, para serem sustentáveis, têm de ter as estruturas adequadas e é também responsabilidade social das empresas procederem a ajustamentos, preservando a dignidade das pessoas afetadas. Tenho visto, em Portugal, e até na minha empresa, movimentos de reestruturação efetuados com a colaboração – e às vezes até com a motivação – dos próprios trabalhadores. Na Unicer, estamos a fazer um investimento muito grande em Leça do Balio para aí termos uma fábrica de cerveja moderni-

‘Não existem empresas se não tiverem atividades sustentáveis. O lucro não é um pecado’

UM GESTOR PELA INCLUSÃO

A EPIS já apoiou 10 mil jovens com mau aproveitamento ou em situação de abandono escolar

zada – o que implica abandonar, dentro de um ano, a nossa produção em Santarém – e oferecemos trabalho a todos os que quisessem ir de Santarém para Leça do Balio. A taxa de resposta foi de quase 90 por cento. Eu próprio deixei de viver em Lisboa e fui para o Porto a fim de trabalhar na Unicer.

O que move os empresários pela inclusão?

Procurar, através das nossas atividades – e estas não incluem somente passar cheques, passam também pela disponibilidade pessoal dos gestores e dos trabalhadores das empresas, em regime de voluntariado – provar que determinados indicadores de exclusão social, como o abandono ou o insucesso escolar, são flagelos que podem ser combatidos. Não há maior fator de exclusão social do que um jovem deixar a escola aos 14 ou 15 anos.

E o que tem feito a EPIS?

A nossa ação envolve mais de 200 empresas em regime de associação ou de parceria e a metodologia mais testada é a do trabalho de mediadores para combater o insucesso escolar. São professores, psicólogos ou técnicos que acompanham jovens com muitas negativas ou em situação de abandono escolar. Ao longo dos anos, já apoiámos 10 mil jovens e conseguimos passar a taxa de sucesso escolar em grupos mais excluídos de 50% para 80%. Todos os anos temos cerca de 70 pessoas a fazer esse trabalho (estabelecendo pontes entre os estudantes, a escola e as famílias) junto de 4 a 5 mil jovens. Se este método for generalizado, pode mudar a face do insucesso escolar em Portugal.

Não estamos a formar jovens para o desemprego ou para a emigração?

O desemprego é um flagelo grande com que estamos confrontados, é um problema que afeta cada vez mais portugueses, nomeadamente jovens. É dramático, porque condena as pessoas que caem nessa situação à exclusão social. Devemos ter esperança e acreditar que, ao processo de ajustamento que estamos a sofrer, se poderá seguir o crescimento de um país reformado. Não há nenhum povo que consiga progredir sem alimentar um discurso



de esperança e de crescimento. O combate ao desemprego passa, igualmente, por fomentar nos jovens a ideia de empreendedorismo, de que podem desenvolver o seu próprio negócio.

Hoje em dia, a educação não é uma garantia da inclusão social. Ainda faz sentido a aposta da EPIS?

Até é mais premente, hoje. Jovens que concluam a escolaridade, que tenham boas notas, que ganhem o brio de ter uma profissão e de serem bons naquilo que fazem... este é o primeiro passo para amanhã termos uma população adulta menos talhada para ser excluída socialmente. Cada vez mais, para as pessoas terem sucesso profissional, é necessária uma formação que as prepare para várias atividades e em várias geografias, com sentido de mobilidade. Já não é possível educarmo-nos para termos só uma atividade num espaço geográfico que é o mesmo toda a vida. Esta preparação cultural é muito importante.

A responsabilidade social das empresas é uma moda, uma operação de marketing ou um sentimento genuíno dos nossos empresários?

Cada empresa falará por si. A autenticidade é muito importante para se distinguir o que são esforços comprometidos de empresas das ações mais mediáticas e de *show off*. Há uma consciência, cada vez maior por parte das empresas, de que para receberem é preciso primeiro darem. Não há maior retorno para uma empresa do que a satisfação de contribuir para uma sociedade que cria riqueza e emprego e que sabe distribuir essa riqueza de forma adequada. Um dos pilares da responsabilidade social, a par do ambiental e do social, é o económico. Não existem empresas se não desenvolverem atividades sustentáveis, isto é, lucrativas. O lucro não é um pecado. O lucro não é errado.

As empresas estão a fazer tudo o que podem para ajudar o País?

Seguramente, é sempre possível fazer mais. Mas há cada vez mais empresas que estão a dar um contributo importante. O percurso da EPIS documenta que, mesmo em momentos muito difíceis da vida nacional, é possível montar uma estrutura que funcione com apoios permanentes de empresas, seja num registo

O desemprego é dramático porque condena as pessoas que nele caem à exclusão social'

financeiro ou de voluntariado. Os portugueses são um povo que se mobiliza especialmente em momentos de extrema dificuldade. Esta crise que estamos a viver agita consciências.

O caminho da austeridade facilita a exclusão?


A austeridade não é um objetivo, é um meio para corrigir determinados défices. Espero que não seja um fim em si mesma, não pode ser uma política permanente. Só o crescimento pode criar emprego e inclusão social.

Não teme uma explosão social, com o acentuar das desigualdades?

Temos de estar atentos às desigualdades e às extremas dificuldades com que uma boa parte dos portugueses está confrontada.

Mas os sinais que temos até agora apontam no sentido de que a generalidade dos portugueses compreende a necessidade desses sacrifícios. Mas isto tem de ser alimentado por um discurso positivo, de esperança.

Como vê o modelo de desenvolvimento do País, no futuro?

O futuro de Portugal passa por termos gerações mais qualificadas. Não basta ter conhecimentos; é preciso ter também competências comportamentais como a capacidade de empreender, de trabalhar em diferentes profissões ao longo da vida, de estar disponível para a mobilidade geográfica. Julgo que as novas gerações já cresceram nesta cultura, atendendo à instabilidade com que foram confrontadas. O crescimento de Portugal tem de se verificar necessariamente a partir de uma receita diferente daquela que nos conduziu à crise. A solução tem de estar mais em nós próprios e menos numa fé injustificada num Estado como solucionador de todos os nossos problemas e até como motor do crescimento económico. 



www.visao.sapo.pt Veja o vídeo no site da VISÃO Solidária